

A gente vai ali fazer revolução.

Por Luiz Campos¹

Em mais um ano compondo a Mostra de Teatro de Heliópolis, a Cia. Variante, da cidade de Guarulhos, vem, de modo direto, corajoso e poético, mostrar [mais uma vez] que é possível realizar um trabalho de militância para o público infantojuvenil no teatro. Trata-se do mais novo espetáculo/show do coletivo, denominado *Poetas Empoeirados [ou Canções para Crianças Revolucionárias]*.

A começar pelo título funcional da peça, que carrega as subjetividades necessárias, que não apenas compõem o espírito da pesquisa, mas também do coletivo. Ao adentrar na sala do Teatro Maria José de Carvalho (sede da Cia. de Teatro Heliópolis), encontramos a casa cheia de crianças e adolescentes, com os olhos vibrantes e atentos, aguardando ansiosamente o início do espetáculo.

Uma espécie de tecido [rotunda] branco toma conta do fundo da área cênica, em conjunto com diversos instrumentos musicais dispostos no palco. No tecido, estão grafitados [por Aquino Supertramp] rostos de crianças que, de alguma forma, tiveram suas vidas destruídas pelas perversidades do mundo. Ali, podemos identificar – dentre as diversas imagens – figuras como Malala, o menino refugiado sírio [Alan Kurdi], que foi encontrado em uma praia da Turquia, João Pedro, de 14 anos, após ser assassinado em 2020 por um disparo durante uma operação policial na cidade do Rio de Janeiro, e a menina vietnamita [Phan Thi Kim Phúc], vítima da crueldade estadunidense com as bombas de napalm. Toda essa composição nos remete a uma reflexão crítica sobre o estado do mundo, que parece cada vez mais perder a consciência para o óbvio. Por fim, na mesma composição visual, nos deparamos com um singelo e potente par de calçados, amarrado e iluminado, fazendo alusão à brincadeira de diversas crianças e adolescentes que amarram os calçados, através do cadarço, e os lançam nos fios dos postes.

Quando o espetáculo inicia, o forte elenco, composto por Tati Takiyama, Samanta Verrone, Letthícia Johanson, Danilo Mora, Renan Vinícius e Kleyton Breda, com figurinos meticulosamente desenhados e pintados por Rafael Bicudo e Rita Moraes, como uma espécie de cartografia, completa a composição cênica. Neste instante, artistas empoeirados se desempoeiram e, com punhos erguidos, apresentam, cantam e gritam pelas injustiças e desigualdades.

¹ Ator, diretor e pesquisador teatral. É integrante fundador da Cia. Los Puercos. Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Teatro pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) e graduado em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes.

É um espetáculo/show comemorativo, que não se omite em nenhum instante. O grupo não se amedronta em apresentar assuntos emergentes para crianças e adolescentes. E, com isso, retalhos históricos surgem nas suas narrativas, que, de modo épico-dialético, erguem-se como realidades duras que permeiam toda a obra. É válido destacar as metáforas que a Cia. Variante faz com os animais (rato, esquilo, cachorros e baleia), em uma mescla perspicaz que traz casos verídicos, como o do homem negro [João Alberto Silveira Freitas], morto por seguranças do supermercado Carrefour, ou casos literários, como o cão Baleia, menção a Graciliano Ramos na obra *Vidas Secas*, pois é o único personagem que sonha [“não tem água, nem comida, mas é revolucionário”].

As diversas referências aos cachorros me remeteram ao “bife passado na manteiga” de Ariano Suassuna, em sua emblemática obra *O Auto da Compadecida*. A cena denominada *Blackout*, além de mostrar uma conscientização interna do coletivo, pois quem conduz a cena são dois atores pretos do elenco, Renan Vinícius e Kleyton Breda, arrebatada, de modo certo, algumas problemáticas e reflexões acerca não só do racismo estrutural, mas também de um justo destaque a diversas personalidades pretas, entre elas: Zumbi dos Palmares, Dandara, Malcolm X, Martin Luther King, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Itamar Assumpção, Lázaro Ramos, Taís Araújo, Alexandre Pires e Seu Jorge. “A revolução dessas pessoas é se manterem vivas.”

Por fim, mesmo com seus trajes brancos, o espetáculo parecia terminar com um final fúnebre e “empoeirado pelas pólvoras”. Entretanto, um grito que precisava ser ecoado risca o chão e determina uma finalização oposta ao que se aparentava, com uma canção de luta e esperança. Aliás, essa não é a primeira vez que a Cia. Variante nos alimenta com um pouco de esperança e estofo para continuarmos nessa luta, que, na maioria das vezes, traz exaustão. Estamos remando contra todo um sistema! O show/espetáculo conduz todos/as/es da plateia para fora do teatro, cantando e finalizando em coro com uma de suas canções. Tal ação encoraja os futuros poetas e poetisas a criar e lutar por um mundo melhor.